

inspirado em *Deixa na Régua*, um filme de Emílio Domingos (e seus amigos dos morros cariocas)

Júnia Torres

*O cabelo é o assento da alma*<sup>1</sup>

A mais importante qualidade da linguagem não é que ela seja uma forma de fala ou comunicação, mas um *instrumento* que não simplesmente *diz* algo sobre o estado de coisas, mas *altera o estado de coisas*. *Espécies particulares de linguagens comuns partilhadas agem e fazem com que algo tenha lugar*, como escreveu o velho antropólogo E. Leach de quem emprestamos o título deste comentário e alguns exemplos. Penteados, cortes, cabelos são fontes de significações cruciais e os *rituais de cabelo* têm associações simbólicas potentes para inúmeros coletivos em diferentes tempos e lugares. Podemos apreciar de forma fascinante o “cuidado com o cabelo” ou o corte ritual entre os Dobu, Yako, trobianeses, Yorubas, Ndembo, budistas monásticos chineses e tantos mais de quem a etnografia nos aproxima e que nos faz admirar.

O corte de cabelo e um intenso investimento estético nos corpos é também mote central de *Deixa na Régua*, novo longa de Emílio Domingos realizado com seus amigos dos morros cariocas, filme que percorre os mesmos espaços geográficos e sociais que já se revelam familiares ao cinema de Domingos em *L. A. P. A.* (2008) e *A Batalha do Passinho* (2012). Porém, se os filmes anteriores acompanham performances públicas de expressões de rua nos morros e periferia (também corporais, em grande medida) tais como o rap e a dança, neste novo trabalho o autor nos localiza nos espaços internos, íntimos e “privados”, fechados e por vezes exíguos e apertados dos pequenos salões

<sup>1</sup> HUTTON. In: PARRY, 1932, apud LEACH, E. Zahar ed. 1983.

de beleza majoritariamente masculinos, espaços de intensa proximidade entre quem filma e é filmado e entre nós que assistimos ao filme. O que nos coloca de forma contundente dentro do universo filmado e do filme nos aparece ser a proximidade detalhista da câmera que etnografa os rostos, os cabelos, os desenhos e os penteados, proximidade que é também conformada pela espacialidade, pela impossibilidade de recuo, onde o espaço reduzido – aliás característica da espacialidade própria dessas comunidades – tem o efeito de gerar forma fílmica, intimidade e cumplicidade. *Deixa na Régua* nos transporta para ambientes especiais, podendo ser ele mesmo, uma espécie de *ritual de cabelo*, que nos torna participantes de um universo próprio de cabelos especialmente esculpido, desenhado, moldado.

A vida *lá fora* em *Deixa na Régua* (e há muita vida lá fora) é acessada e nos é tornada acessível *tão somente* a partir de espaços encerrados e dos assuntos que lá se travam – temas da vida privada, como a alegria pelo primeiro filho, os amores que deram certo e que não deram, as conquistas sexuais, a tristeza da perda da irmã para o tráfico, a conversa sobre preços e modelos das armas, objetos incluídos no cotidiano desta comunidade, fazem parte da vida. Incertezas e existências particulares se revelam entre o amor e o conflito aqui, como em todo lugar. Aspectos da vida são contados, narrados, zoados, sem quaisquer interferências em *off* ou dialógicas do diretor a transparecerem nos planos montados (evidentemente deve haver diálogo e até mesmo particular direção entre o realizador e as pessoas em cena, mas não é esta a matéria constitutiva do filme que nos é oferecido). O que importa trazer é essa vida comentada entre *iguais* circunstanciais, frequentadores daqueles espaços dos salões semanalmente e donos daqueles cabelos (!), comunidade nem tão circunstancial.

A exposição das obras cabelos é amplificada pelas imediatas e urgentes fotografias ou *selfies* para postagem. Adquirem sentido quando compartilhadas. São feitas para serem *compartilhadas*, pode-se dizer. Esse simbolismo público dos cabelos para quem quer “*deixar na régua*” diz algo sobre o estado das coisas, mas também faz coisas, muda coisas, conforma socialidades e subjetividades específicas, faz viver junto, embeleza o mundo, faz fazer um filme que muda a forma pela qual nos relacionamos com tais universos e personagens e seus valores estéticos diversos, nos faz admirá-los, e por vezes, *magicamente*, nos faz querer imitar seus cortes, ou suas imensas tranças coloridas a causar beleza e assombro nos espaços públicos da cidade. Potência estética e, portanto, política. Cabelos mágicos.

Desses espaços pequenos e compartilhados – coletiva e animadamente – emergem fatos da vida dos meninos e homens do morro, um mundo masculino que emerge inusitadamente reconfigurado por cuidados e vaidade, nos revela um filme cuja forma é aparentemente simples, como a vida pode ser aparentemente simples, dentro de um salão de beleza. Tal simplicidade aparente não o diminui, pelo contrário, ao que nos parece. Forma do filme, correlata ao universo que partilha. Queremos apostar que a magia, que está nos cabelos, na dança, no corpo, está também, nesse caso (e em tantos outros), no documentário. Nos parece que um dos empreendimentos *mágicos* do filme é nos fazer pensar nos filmes do cinema direto, como os de Wiseman, onde a câmera parece milagrosamente não estar lá, tal é a naturalidade com que os *atores* continuam envolvidos em suas ações e conversas cotidianas, algo difícil frente à proximidade radical, já mencionada acima, conferida pela própria espacialidade onde se desenrolam as cenas em *Deixa na Régua*. E, então, conhecendo os filmes e um pouco da trajetória do autor, nos parece que, contrariamente ao direto, tal “naturalidade” e o transbordamento da vida para o filme, do morro para a *cidade*, emerge da intensa relação anteriormente estabelecida por Domingos e sua equipe com seus amigos dos morros onde filmou e com o universo ou multiverso das comunidades de periferia do Rio de Janeiro. Etnografia, trabalho de câmera e encenação aqui se combinando de forma singular.

Por fim, o cinema de Domingos – que acreditamos, pode ir ainda mais longe – é marcado por uma coerência notável e rara. E não propriamente temática, mas espaço-social. Uma filmografia que compõe uma obra relacional também internamente, entre seus filmes, ancorada, pode-se dizer, em estabelecer diálogo e cumplicidade com seus personagens e, de quebra, destes com seus espectadores, *cinema de aliado*. Assim, invertendo radicalmente a perspectiva estigmatizante – tragicamente concretizada a cada tiro que mata ou encarcera violentamente milhares de jovens negros no país, esse cinema contribui para alterar o olhar (eternizado e cristalizado por essa TV canhestra que nos assombra cotidianamente) – sobre os moradores e as comunidades *pobres* do Rio e de todo o país, invertendo o polo da falta, da escassez, da incapacidade, da violência, do estigma. *Deixa na Régua* nos leva à eficiência dos movimentos estéticos inventados e compartilhados intensamente das periferias, dos movimentos do cabelo, do estilo, de uma vida intensamente elaborada do ponto de vista dos corpos simbolicamente investidos, de sua performance e do estar junto. E, com a obra de Emílio, junto também do cinema.